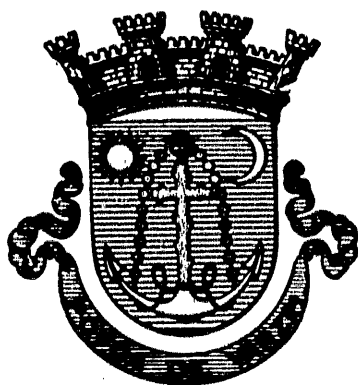


PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL



NÚMERO COMEMORATIVO DO I CENTENÁRIO
DO NASCIMENTO DE ROCHA PEIXOTO

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL

Há muito que estudar e poucos
são os que trabalham; mas
embora fossem muitos, Portugal
chega para todos.

ROCHA PEIXOTO

(1866 — 1909)

Neste ano em que se celebra o I centenário do nascimento de Rocha Peixoto, não podia o Boletim Cultural Póvoa de Varzim deixar de lembrar, condignamente, a figura do brilhante e erudito poveiro que tanto amou a sua terra natal e tanto a prestigia. É fá-lo não só tendo em conta a categoria científica do homenageado, polígrafo notável e etnógrafo dos grandes, mas recordando também o sentido pedagógico do seu exemplo — uma inteligência aberta e uma vida dinâmica postas por inteiro ao serviço da colectividade!

Com alegria e persistência foi organizado o presente número do Boletim. Ele não existiria, porém, sem o precioso auxílio dos seus ilustres colaboradores, aos quais os melhores agradecimentos, antes de mais nada, são devidos. Merecem especial relevo a imediata boa vontade com que estes estudiosos aceitaram o convite que se lhes dirigiu e o tema que individualmente se lhes propôs, o entusiasmo com que se sujeitaram a trabalhos de investigação, a concordância que sempre deram a sugestões e pedidos. No meio das cansativas solicitações profissionais e sociais que os cercam, provaram tão distintos e generosos colaboradores o seu apreço pela lição de Rocha Peixoto. Alguns responderam mesmo que, por se tratar de uma homenagem ao activo obreiro da Portugalia, lhes não seria possível apresentar quaisquer argumentos justificativos de uma escusa! Embora. Porque a todos muito se fica devendo, aqui se renova, públicamente, a expressão do mais fundo reconhecimento.

Num preito de saudade, registre-se ainda o inesperado desaparecimento, pela força da morte, de outros dois colaboradores que haviam

sido escolhidos: o crítico de arte Dr. Manuel de Figueiredo, director do Museu Nacional de Soares dos Reis, que ia evocar a acção de Rocha Peixoto no antigo Museu Municipal do Porto, e o etnógrafo D. Sebastião Pessanha, que concordara em testemunhar a influência do autor de *As Olarias de Prado* na geração da revista *Terra Portuguesa*. É de lamentar a falta destes prometidos estudos. O Porto, na verdade, anda actualmente esquecido daquilo que o Museu Nacional de Soares dos Reis deve ao esforço de Rocha Peixoto aquando conservador do desaparecido Museu Municipal da cidade. E de como a Portugalia influiu na formação ergológica da gente da *Terra Portuguesa*, D. Sebastião Pessanha — então o mais representativo sobrevivente dos colaboradores da última revista — ainda pôde declarar, a quem subscreve estas linhas, em carta de 3 de Outubro de 1965: «Há 50 anos, a Portugalia e o núcleo famoso dos seus dirigentes e colaboradores bailavam no espírito de todos nós, e a *Terra Portuguesa* não foi mais, ou pretendeu ser, do que uma sua continuadora».

Inicialmente pensou-se publicar os artigos deste número pela ordem alfabética do nome dos seus autores. Todavia, nem todos os originais chegaram a tempo de, ao começar-se o trabalho da impressão, se poder respeitar aquele critério. Resolveu-se, assim, seguir uma ordenação diferente, onde, em certa medida — e dentro das possibilidades permitidas pela sucessiva chegada dos originais —, se analisa o desdobrar das principais actividades de Rocha Peixoto.

De assuntos diversos, e escritos, em geral, por especialistas, os artigos agora publicados trazem importantes elementos para um conhecimento mais perfeito da obra e do carácter do mestre das

Formas da vida comunalista em Portugal. Bom é que tais elementos sejam dados à luz na *Póvoa de Varzim*, e numa publicação periódica local. Rocha Peixoto dedicou o maior interesse e carinho à terra em que nasceu, justificando todas as homenagens dos seus contemporâneos. Por isso já num número anterior do *Boletim* se recordou algo do que o cientista fez pela *Póvoa*. Mas a própria história cultural da povoação lhe ficou ligada! Efectivamente, em Rocha Peixoto teve início o movimento de investigações etnográficas que, depois, atrás de Cândido Landolt e de Santos Graça — ambos incitados pelo autor das *Notas sobre a Malacologia Popular* —, jamais deixou, praticamente, de existir na vila. Da divulgação dos estudos históricos de Alberto Sampaio, na qual Rocha Peixoto se empenhou, surgiu entre os poveiros a valorização do período medieval da sua terra e o conceito da fundamentação socio-económica dos acontecimentos do passado — aspectos de que Manuel Silva viria a ser o ensaísta mais acabado. Por outro lado, o zelo posto pelo homem da Portugalia na exploração e defesa do património arqueológico e artístico da vila e do concelho despertaram curiosidades que ainda ecoam em Fernando Barbosa. E não esqueçamos as investigações que, inspiradas nos textos dos pesquisadores locais, foram realizadas, sobre temas poveiros, por estudiosos de fora da *Póvoa de Varzim*.

Verdadeira imortalidade é esta, a de um espírito se projectar, no tempo, através do pensamento e do trabalho das gerações que se lhe sucedem.

Flávio Gonçalves